CRIMÉA—SIMÉIS.

A Criméa, essa região do sul que os successos espantosos de uma lucta gigante têem tornado tão famosa, ainda mais que pelas suas antigas e poeticas tradições, é a terra dos grandes contrastes. Ali ha todas as exposições e temperaturas imaginaveis; desde os gelos desconsolados do polo arctico, até o ar embalsamado das margens do Pó ou do Teverone. Ao lado de montanhas fragosas, despidas de vegetação, e mostrando no seu corte severo e abrupto o effeito de algum terrivel cataclysmo, vedes comoros verdejantes, povoados de rusticos casaes, e cobertos de pomares e de quintas; a poucas leguas de charnecas tristonhas e monotonas, valles tão aprazivels como aquelles que fizeram a reputação da Italia e da Suissa, e como os tão deliciosos que se deparam no nosso romantico Minho.

De toda a Criméa não ha, porém, talvez mais formosa paizagem em que possam regalar-se os olhos do viajante, que os valles de Siméis e de Baidar, onde hoje estão acampados alguns corpos do exercito alliado de operações contra os russos; é uma posição escolhida pelos cabos de guerra como a mais propria para acantonamento de tropas, com preferencia ás fumegantes ruinas de Sebastopol, ainda varejadas pela artilheria dos fortes ao norte da praça.

O valle de Siméis comtudo ha quem o prefira ao de Baidar. Fica este valle a 6 leguas de Laspi. Castelnau diz que não encontrava na palheta côres com que bem pudesse descrever tantas maravilhas como as que se acham compendiadas n'aquelle bello pedaço de terra. «À esquerda, diz elle, erguem-se rochedos de uma altura prodigiosa; á direita ostenta-se o mar em toda a magestade. O valle é litteralmente um jardim dividido em tantos cerrados quantas as cabanas: a vegetação é vigorosissima; as vinhas produzem excellentemente, bem como os olivedos, os quaes são em Siméis dispostos em alinhamentos regulares; n'outras partes do valle confundem-se as arvores de Minerva com romeiras da mais primorosa qualidade; andam-se muitos centenares de passos debaixo de caminhos cobertos de latadas naturaes, d'onde segundo as estações, se vêem pendentes todas as especies de fructos conhecidos. A arte nada fez ali; por toda a parte não ha mais que natureza; mas natureza bella, e rica, cumulando de bens homens ociosos, que gosam todas estas vantagens sem as saber apreciar.»

A nossa gravura, cópia de um desenho de Carlos Girardet, representa uma parte d'esse valle, com algumas rusticas casinhas dos pobres lavradores que o povoam.

ABERTURA DO ISTHMO DE SUEZ.

II.

O commercio do oriente é o grande commercio do mundo. Impellido para uma carreira artificial desde o seculo XV, tende agora a reassumir a sua direcção antiga, o seu caminho natural, o mais curto e

C. M. L.

economico, a saber, o do Mediterraneo e mar Vermelho.

A abertura do isthmo de Suez é uma das raras e grandiosas emprezas, que de longe em longe mudam a face dos negocios; é o começo de uma revolução commercial e maritima, interessante para todas as nações da Europa, e talvez que para nenhuma tanto como para a Inglaterra, a despeito do que muita gente poderia presumir em contrario, e a razão é bem simples.

A Inglaterra tem nas mãos os dous terços do commercio com a India e a China, possue na Asia um imperio immenso, tendo ali mais de cem milhões de consumidores: o córte do isthmo de Suez, reduzindo as distancias a metade, e diminuindo mais de um terço nas despezas da navegação, levando a civilisação, o gosto, e as necessidades da Europa a regiões de extensão e recursos incommensuraveis, deve triplicar o numero das transacções e quintuplicar os lucros. Todavia, parece que dous membros do gabinete inglez, lord Palmerston e lord Clarendon, são opposstos á obra do canal.

Esta opposição é inexplicavel. A Inglaterra, pensando constantemente no seu imperio da India, sempre tem procurado encurtar a distancia que d'elle a separa, e em especial tem empregado todos os meios para abreviar o transito pelo isthmo de Suez, ao qual Mehemet-Ali chamava ponte da Asia para a Europa. O governo inglez, sem obrar directamente, auxiliou em toda a occasião com muita efficacia os estudos e operações de varias companhias. Haverá tres annos uma d'ellas obteve a concessão de um caminho de ferro de Alexandria ao Cairo; a Porta recusou a principio sanccionar o privilegio; a companhia sabendo que podia contar com o apoio de lord Palmerston provocou uma especie de manifestação publica.

Em 15 de outubro de 1852 celebrou-se em Londres uma reunião *(meeting)* para tratar da questão do Egypto sob a presidencia de M. Gregson, presidente da *East-India Association* (sociedade das Indias orientaes), um dos negociantes mais ricos da Europa: adoptou-se por unanimidade a seguinte resolucção. «O estabelecimento de uma via de communicação segura, rapida e commoda pelo Egypto tornou-se necessaria para a segurança e boa administração do nosso imperio indiano, para ampliar o commercio da Europa com o oriente, para o progresso industrial e social do Egypto, e não é contrario aos interesses nem á legitima ambição de qualquer potencia.»

Reforçado com esta demonstração o governo inglez sollicitou e obteve o assentimento da Porta, e hoje o caminho de ferro acha-se em plena execução. Ainda mais; mr. de Lesseps nos informa na sua *exposição,* a que nos referimos no primeiro artigo, que o vice-rei, estando persuadido de que as duas emprezas, caminho de ferro e canal, são complemento uma da outra, acaba de decidir a conclusão da terceira secção, do Cairo a Suez. O caminho de ferro, per si só, não é suffieiente para satisfazer todas as necessidades do commercio, principalmente em relação ás carregações de grande volume e quantidade, objectos que alimentam a navegação, mettendo em linha de conta duas baldeações, quatro manutenções das fazendas, em summa taes avarias, perdas tão consideraveis de tempo e dinheiro, que seria preferivel, apesar de seus inconvenientes, a navegação pelo cabo da Boa Esperança; de maneira que com o caminho de ferro as cousas ainda estão como estavam ha tres annos: por outro lado é este um meio excellente e preferido para os passageiros, correspondencia, numerario, objectos preciosos e de pequeno volume, e não assim para carregações grossas que vem de um mar e tem de ser baldeadas em terra a fim de atravessarem grande estensão até serem embarcadas n'outro mar; para essas a via mais commoda e rapida será pelo canal do isthmo.

Por que rasão, pois, (continua mr. Peyrat) lord Palmerston, que apoiou com tanta força o caminho de ferro, se oppõe ao córte do isthmo?... Indiscretos amigos d'esse ministro pouco habeis e pouco perspicazes fizeram correr pela imprensa que a Inglaterra não commetteria a imprudencia de entregar o caminho de suas colossaes colonias á França, sua alliada hoje, mas que por alguma rivalidade de interesses ou divergencia politica póde tornar a ser sua inimiga. Custa a admittir que seja serio este receio.

Em primeiro logar, como o vice-rei do Egypto quer fazer a nova via de communicação dominio commum de todos os povos, é provavel que o canal seja declarado neutral, e que todos os estados se obriguem a assegurar a livre navegação do mesmo: em tal caso, que potencia ha que possa sustentar essa neutralidade tanto ou melhor que a Inglaterra? Tem em Gibraltar as chaves do Mediterraneo, em Aden as do mar Roxo, em Corfú as do Adriatico, de maneira que o Mediterraneo, esperando-se que venha a ser o grande caminho commercial da Europa, é a grande via militar da Inglaterra. Em Malta, do cimo do seu rochedo, ella vigia e regula os movimentos das suas forças navaes, e dirige-os para todos os logares onde a sua acção lhes parece necessaria: que tem, pois, que temer?

Em segundo logar, o que é definitivamente a abertura do isthmo de Suez? Um acto de administração interna. Se o vice-rei julga util a empreza, se o sultão a approva, com que direito lhe opporá *veto* qualquer governo estrangeiro? A guerra actual foi encetada para assegurar a independencia da Porta ottomana. Poderia imaginar-se cousa mais derisoria do que essa pretendida independencia, se um embaixador ou ministro inglez pudesse ingerir-se na administração do imperio, dictar-lhe a construcção de uma estrada, ou vedar-lhe a abertura de um canal? Se a Turquia é independente póde a seu prazimento romper o isthmo de Suez.

Tambem alguem suppõe que o canal, idéa franceza, é a contraposição e seria a ruina do caminho de ferro, obra exclusivamente ingleza. Admittâmos por um momento o facto; então, se a França não obstou ao estabelecimento do caminho de ferro, porque ha de a Inglaterra oppor-se á feitura do canal? Porém nada ha tão falso como esse pretextado antagonismo. Se é verdade que o caminho de ferro não resolve o problema da communicação dos dous mares, tem por outro lado as vantagens que indicamos; transportará passageiros, correspondencias, mercadorias preciosas, numerario; mas, todos esses objectos de transporte não os póde ter em vastas proporções que affiancem grandes lucros senão desde o dia em que o canal attrahir ao Mediterraneo e ao mar Roxo o commercio que se faz pelo cabo de Boa Esperança; então, fazendo cada trafico o serviço mais adequado á sua natureza, o canal e o caminho serão complemento um do outro. A Inglaterra tem mais uma excellente garantia nas disposições do vice-rei Said-pachá, que quer continuar a via ferrea do Cairo até Suez, e até já encommendou o fornecimento dos *rails* (carrís) a uma casa ingleza.

Invoca-se ainda mais outro pretexto. Diz-se que a reducção de metade na duração da viagem reduzi-

ria igualmente o numero dos navios da carreira da India, e que a ampliação do commercio nas outras nações faria perigar a superioridade maritima da Inglaterra. Estas considerações poderiam ter alguma importancia ha dez ou mais annos; porém actualmente não tem pezo. A experiencia provou á Inglaterra que nada ganharia com as restricções, os monopolios, os favores e incentivos indirectos dados á industria ou ao commercio em detrimento da massa dos consumidores. Taes objecções são anachronismos; recordam a epocha de violencia, de monopolio, de oppressão em que as leis fiscaes, os privilegios de navegação, as restricções commerciaes, e sobre tudo o systema colonial, ameaçavam de morte a industria e de fome o genero humano; reportam-se á epocha em que Cromwell no seu acto (decreto) de navegação e Luiz XIV nas famosas ordenações da marinha em 1681 não sabiam idear cousa melhor que proclamar a rivalidade e guerra permanentes entre as nações commerciántes, sanccionar o corso, as reprezalias, a preza não só dos navios inimigos, mas tambem dos neutraes, o que é o opprobrio do direito maritimo. Estes principios acarretaram a loucura do bloqueio continental.

A potencia que mais abusou d'essa politica, a final, alumiada pelo clarão das sãs doutrinas economicas, confessou alto e bom som a iniquidade e desacerto d'aquella; por seu impulso o grande principio da liberdade de commercio internacional e da abolição gradual de toda a protecção passou do campo da sciencia para o da pratica. Um dia, com geral assombro, a Inglaterra aboliu o acto de navegação que considerava havia dous seculos o palladio do seu poder maritimo. Existem varios projectos para communicar o Atlantico com o Pacifico por Panamá, por Tehuantepec, por Nicaragua, e a Inglaterra a todos tem favorecido; abriu os seus portos da India a todos os navios; e assignando a paz com a China estipulou condições favoraveis para todas as nações da Europa.

Portanto, tendo reconhecido que longe de se prejudicarem seguindo a mesma via commercial e industrial, os povos, pelo contrario, são todos solidarios e igualmente interessados na prosperidade commum, quereria a Inglaterra, desmentindo-se formalmente, impedir uma obra, cuja execução todas as outras potencias desejam, uma obra que póde inaugurar um novo systema maritimo, restituir ao Egypto parte da sua importancia historica, quintuplicar o commercio europeu, finalmente ter incalculaveis consequencias para a civilisação do oriente? É impossivel; e em todo o caso tal pretenção não poderia ser tolerada (1).

* * *

(1) Noticias mui recentes informam que são infundados os receios de opposição da parte do gabinete britannico á obra do canal no isthmo de Suez.

APONTAMENTOS ESTATISTICOS.

(LISBOA — SECULO XVI).

IV.

Quadros indicativos do *numero* das ruas, casas, visinhos e habitantes, e da *relação* entre o numero de habitantes e o de visinhos e casas, da cidade de Lisboa no anno de 1551, coordenados em vista das declarações do SUMMARIO de Christovão Rodrigues d'Oliveira (pag. 3 a 30 da 1.ª edição).

A.

FREGUEZIAS	RUAS	TRAVESSAS	BECCOS
See	18	6	12
Sancta Iusta	53	14	19
Sam Nicoláo	46	11	18
Sam Gião	25	6	6
Madanela	24	11	4
Nossa Senhora dos Martyres	35	»	4
Nossa Senhora do Loreto	23	3	»
Sam João da Praça	12	»	5
Sam Pedro	6	3	4
Sam Miguel	14	1	2
Santo Esteuão	14	28	5
Sam Vicente de fóra	10	4	4
Santa Marinha	5	1	»
Saluador	2	6	»
Santo Andre	1	3	»
Sam Thome	5	»	1
Santiago	3	»	»
Sam Martinho	»	»	»
Sam Iorge	2	»	2
Sam Bertolameu	6	1	»
Santa cruz	8	1	1
Sam Mamede	4	2	1
Sam Christouão	9	3	1
Sam Lourenço	3	3	»
Total	328	107	89

B.

FREGUEZIAS	CASAS	VISINHOS	ALMAS
Sancta Justa	1.994	3.400	16.557
S. Nicolau	1.308	2.101	10.775
Nossa Senhora dos Martyres	1.209	2.552	12.438
Nossa Senhora do Loreto	1.155	1.748	8.679
Magdalena	676	1.440	9.671
S. Julião	654	1.957	13.680
Sancto Estevão	353	954	5.314
Sé	350	718	6.187
S. Miguel	295	515	2.859
S. Vicente de fóra	273	389	1.711
S. Pedro	267	340	1.539
S. Christovão	258	353	1.687
Sancta-Cruz	160	237	1.176
S. Thomé	128	149	887
S. João da Praça	125	278	1.557
Sancta Marinha	103	111	488
Salvador	88	200	782
S. Mamede	79	144	1.010
S. Bartholomeu	74	91	596
S. Lourenço	70	100	526
Sanctiago	33	59	861
Sancto André	52	75	336
S. Jorge	48	77	507
S. Martinho	28	42	172
Total	10.000	18.030	99.992

C.

FREGUEZIAS	HABITANTES POR CADA VISINHO	HABITANTES EM CADA CASA
Sanctiago	14. 59	16. 24
Sé	8. 61	17. 67
S. Mamede	7. 01	12. 78
S. Julião	6. 99	20. 91
Magdalena	6. 71	14. 30
S. Jorge	6. 58	10. 56
S. Bartholomeu	6. 54	8. 05
S. Thomé	5. 95	6. 92
S. João da Praça	5. 60	12. 45
Sancto Estevão	5. 57	9. 60
S. Miguel	5. 55	9. 69
S. Lourenço	5. 26	7. 51
S. Nicolau	5. 12	8. 23
Loreto	4. 96	7. 51
Sancta-Cruz	4. 96	7. 35
Martyres	4. 87	10. 28
Sancta Justa	4. 86	8. 30
S. Christovão	4. 77	6. 53
S. Pedro	4. 52	5. 76
Sancto André	4. 48	6. 46
S. Vicente	4. 39	6. 26
Sancta Marinha	4. 39	4. 73
S. Martinho	4. 09	6. 14
Salvador	3. 91	8. 88
Total	3. 54	9. 99

O *Summario* de Christovão Rodrigues, pag. 91, diz: «Tem Lixboa:

Ruas	328
Travessas	104

Becos 89
Postos (que, segundo o *Summario*, não são ruas) 62

Sommando os numeros relativos a cada parochia, achei:

Ruas . . . . . 328, conforme o *Summario*.
Travessas . . . . 107, e não 104.
Becos. . . . . 89, conforme o *Summario*.
Postos . . . . 61, e não 62.

As differenças, como se vê, são insignificantes. Segundo o *Summario*, pag. 91, Lisboa tinha:

Casas 10.000
Visinhos 18.000
Almas 100.000

Sommando os numeros por parochias, achei:

Casas 10.000
Visinhos . . . . . 18.030, e não 18.000
Almas . . . . . 99.992, e não 100.000

Ainda não são significativas as differenças, suppondo mesmo que ellas não provém de engano meu; engano difficil de evitar, para quem não póde ir ás bibliothecas consultar os livros detidamente.

Na freguezia de Santiago parece evidente o erro: 14 habitantes por fogo é um numero injustificavel. Na freguezia da Sé, em 718 visinhos, ha um excesso de, pelo menos, 2.200 habitantes. Era mais facil contar o numero de casas com alguma aproximação do que o numero de pessoas que as habitavam. Ora as casas eram 350, e em 350 casas poderiam albergar-se pouco mais ou menos umas 3.800 pessoas.

Vejâmos, porém, no seguinte apontamento, se é possivel rectificar de algum modo os numeros de Christovão Rodrigues.

(Continúa.)

JOÃO MARIA NOGUEIRA.

ESTUDO LITTERARIO.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

IV.

Os *Homens de Marmore* foram a primeira tentativa da escola novissima nacional, e o exito feliz e brilhante que alcançaram, produziu o *Homem de Ouro*. O sr. Mendes Leal, animado pelo acolhimento lisonjeiro, que o publico deu ao seu primeiro trabalho, quiz dar-lhe maior desenvolvimento e alargar o quadro, apresentando o seu protagonista n'outra phase da vida. Só um talento superior e uma intelligencia vasta e robusta, fortalecida pelo estudo e pela meditação, podia emprehender esta tentativa, tendo a luctar com a primeira impressão. N'essa havia o privilegio da novidade, na segunda havia a difficuldade de uma continuação, e o espirito do publico já preparado e duplicadamente exigente. Nem uma, nem outra cousa o desanimou. Presentiu a lucta, e espirito esforçado como é, longe de evital-a procurou-a de frente. Olhou de novo para o mundo, e para a sociedade, e lá foi encontrar novos caracteres para apresentar dissecados pela analyse. Tem estudado e meditado o mundo: o resultado foi o *Homem de Ouro*.

O nosso pensamento ao escrever estas linhas é só julgar o drama pela impressão que sentimos.

O *Homem de Ouro* prende, na acção e nos caracteres, com os *Homens de Marmore*, o que augmentou a difficuldade da concepção e execução, pela necessidade de justificar tanto os anteriores personagens, como os novamente apresentados. Esta exposição é uma das maiores bellezas do drama, pelo modo por que está conduzida. N'um dialogo, cheio de espirito, rico de estylo e colorido, talvez profuso, o auctor familiarisa-nos com os novos personagens do seu drama. Quem souber apreciar o primor da fórma e a elegancia da dicção ha-de sempre ouvil-o com prazer.

O vulto principal é ainda Simplicio Lobo, a personificação do seculo, o antigo homem de marmore, já rebaptisado n'um titulo, como outros muitos, e crysmado pela designação popular de *Homem de Ouro*. A sede de dominio era a ambição d'este homem: alcançou dominar. Quiz a nobreza que se vende; comprou-a. Quiz a consideração, corrompeu-a; o que é mais prompto do que adquiril-a. Nada lhe resta a desejar. Dobrou-se para cavar na sociedade o ouro; ergueu-se, e viu-a de joelhos a seus pés. Realisou o sonho da vida... gosou-o, como se gosam os sonhos... a consequencia fatal era a saciedade.

É n'esta situação que o auctor nos apresenta transformado o seu heroe. O homem de marmore tinha tido uma filha. Como homem de marmore havia-a abandonado dez annos no hospicio da caridade publica. Julgando proxima a hora da morte, manda-a buscar. Filho tambem do acaso, nunca tinha conhecido as alegrias da familia. A sua dureza estava explicada. Nos braços da filha, apertando-a ao peito, acordou-lhe o coração sentindo palpitar o d'ella. Revelou-se-lhe que o tinha. Achou uma vez lagrimas quem nunca as avaliára. Ficou outro homem... era pae. Tinha esquecido a alma: os beijos da filha fizeram-lh'a sentir. Estremeceu então, envergonhando-se de que o mundo o soubesse. Vaidade humana! Escondia-a de todos, e guardava-a inteira para ella. Para a sociedade continuava a ser o homem de marmore, porque frequentemente o mal tem pejo do bem: só para a filha volvêra a ser o homem de coração!

Haverá quem não creia na possibilidade d'esta metamorphose? É conhecer pouco a humanidade, variavel por condição e natureza. Qual é o homem que aos vinte annos pensa como pensava aos quinze, e assim successivamente. Olhe cada um para si mesmo, medite um momento, e verá quantas alternativas tem tido no seu modo de pensar? E ainda bem, que, se assim não fosse, ou antes quem assim não fôr, fraco juizo póde dar de si. Quanto perdulario não tem acabado na usura? quanto democrata em monarchista? quanto independente em servil? quanto namorante em excellente pae de familia?... Lancem os olhos em roda de si, e verão?

A idéa philosophica do drama do sr. Mendes Leal, sequencia logica da primeira these, é que o caracter dos homens se modifica nas circumstancias da vida, porque ficou ainda no coração um ponto accessivel. É assim que é o mundo; é portanto assim que o sr. Mendes Leal o apresentou. Ser verdadeiro era o seu dever; quiz sel-o. Foi n'isto mais analytico do que poeta, porque a sua idéa era instruir a turba n'uma lição humana. Offerecia um estudo profundo do grande livro do mundo, e pintava só o positivo da vida. Suffocava dentro em si os vôos rasgados da imaginação, e as suas aspirações ao ideal, para se mostrar, sob um novo aspecto, crítico austero, e pensador verdadeiro.

No monologo do primeiro acto, Simplicio Lobo revela-nos a revolução completa que sentiu na sua vida. Causam-lhe tedio já as miserias, o servilismo e a venalidade que o rodeiam. Só tem o sorriso do desprezo para os louvores de que o incensam. A filha desperta-lhe uma nova ambição. Quer que ella seja a mais requestada, e a mais festejada de todas: são

ainda os restos do homem antigo. Já lhe não importa dominar, porque dominou. Quer para ella os deslumbramentos, porque julga estar n'elles a felicidade. Desceu do pedestal de ouro, a que se tinha levantado, e ergue sobre elle a filha. Não é a natureza? Gasta sem contar, elle, o homem, «que real a real contava as lagrimas que espremia em ouro.» Começa a comprehender a cegueira de D. Luiz Coutinho pelos seus, e o remorso já principia a feril-o. O dialogo com a supposta afilhada, em que esta lamenta os paes que a renegaram, e a lançaram entre as quatro paredes nuas de um asylo, preparando-lhe o futuro de tantas desgraças, é extremamente dramatico; tem trechos admiraveis de profundidade, e ao mesmo passo de loução ia. Ali sentiu o poeta e não póde occultar-se. Era o verdugo julgado pela victima; era a voz accusadora da innocencia, repercutindo, sem o saber, no coração do pae, outr'ora desnaturado. Como são ingenuos e verdadeiros aquelles tremores pelo futuro da filha. O homem, que emprestou capitaes para expecular com as filhas dos outros, como treme de medo ao desconfiar que expeculam com a sua!

No 2.° acto a vista do ouro resuscita em Simplicio Lobo, por amor da filha, instinctos que o mesmo amor lhe havia quasi apagado. Antevê n'aquelles rolos de metal novos esplendores para ella. Dá-lhe a vertigem, e arremeça-se para o precipicio. Será o primeiro exemplo? O drama está aqui na intenção e na acção. Joga hallucinado, e perde uma fortuna para recuperar o perdido. Tinha achado o seu mestre; é a ordem do mundo. Os golpes succedem-se com rapidez. É sempre assim. Começando uma vez a roda a desandar, não pára.

No fim do segundo acto vê a honra da filha posta em duvida, mais pela malevolencia d'um mundo que era hostil á sua origem, do que pela mesma importancia do escandalo. Quantas vezes não tem acontecido outro tanto? Desesperado, victima das mesmas paixões, que muita vez estimulára sordidamente, vê fugirem-lhe os aduladores com o sorriso d'escarneo nos labios. Talvez houvesse quem julgasse menos verosimil este lance. É que não repararam que a fortuna tinha fugido primeiro. Iam traz d'ella. Bastava o primeiro pretexto por futil que fosse. Pois não é assim o mundo? Os limites da scena não admittem largas explicações da parte do poeta. Pertence á crítica examinar a verdade onde ella está, e apontal-a.

O castigo, a expiação começam.

O drama acção póde-se dizer que está no terceiro acto. É ahi que os lances e as situações se multiplicam. É ahi que a paixão falla depois da philosophia, e o interesse se aviva nos seus desenvolvimentos naturaes, nascidos da propria contextura. Simplicio Lobo, conhecendo a força do seu inimigo, reassume para se defender a energia do seu caracter primitivo, ainda não esquecido de todo. É outra vez homem de marmore, e vem provocar as luctas tenebrosas como nos dias antigos. Este dialogo começa por uma porfia de cynismo contra cynismo, de astucia contra astucia, de sarcasmo contra ironia. O inimigo é poderoso; e tendo certa a victoria não cede. Vendo a inutilidade da tentativa, e não querendo soccorrer-se ainda aos extremos, Simplicio Lobo, curva-se, implora, mas nada obtem. Como é dramatica esta scena, em que o homem que viu regar de tantas lagrimas o chão que pizava, alaga das suas os joelhos de um homem da sua escola, discipulo das suas maximas, e só alcança em resposta o epigramma atroz da repetição d'ellas, insultando a sua desesperação É ferido com as proprias palavras. É a pena de talião que tacitamente lhe impõem. Como a filha, que rojava a seus pés, implorando por seu pae, como o velho criado, que lhe trouxera as economias de vinte annos, elle, chora e supplica, e acha... a insensibilidade que ensinára. Aqui a moralidade não está nas catastrophes do melodrama; está na pungente provação que mostra o reverso da medalha, e ajunta a cada crime a punição terrivel que lhe applica a logica inexoravel do mundo. Foi surdo ao amor filial... tambem lhe não escutam a voz paterna.

A longa expiação d'este homem ainda não pára aqui; são ainda mais amargos os ultimos tragos do calix que lhe fazem beber.

A filha, sem saber que o é, quer sacrificar a sua propria honra ao homem que lhe tem servido de pae, para lhe salvar a vida, e, certa de morrer, promette entregar-se ás mãos do seu inimigo. N'uma scena vigorosa, cheia da pathetico e de paixão, que desperta lagrimas espontaneas e verdadeiras, Maria, pedindo perdão a Simplicio de qualquer desgosto que lhe possa dar ainda, faz-lhe adivinhar a resolução desesperada. O pae, que até ali tinha sepultado o seu segredo no coração, não póde comprimil-o n'este lance, e revela a paternidade ante o temor da infamia! É verdadeiramente um grande effeito dramatico, e, fiel ao intuito da obra, uma tremenda lição humana, quando Simplicio Lobo, vendo entrar Estevão de Moura lhe grita: «Chega a proposito para vêr uma filha refugiada nos braços de seu pae. Veja se se atreve a violar este asylo.» A scena que se segue com o moço devasso é energica e tempestuosa. É o ultimo esforço e o ultimo grito do homem de marmore. Simplicio Lobo acha morta a sua derradeira esperança. O delirio succede á exaltação, e vendo recusar-se-lhe um duello, exactamente como elle d'antes aconselhava, exclama resumindo uma idéa capital: «O homem de marmore fez-se homem de ouro, o homem de ouro póde fazer-se homem de sangue»; e vae para matar o seu algoz, que, mais dextro e forte, o desarma.

A idéa principal do drama está na modificação do caracter d'este personagem. É a humanidade que vive ali. Tornâmos a dizel-o porque este pensamento parece não ter sido sufficientemente entendido. No seu primeiro drama o auctor tinha-nos mostrado que não ha insensibilidade completa. N'este alargou a these, e prova-nos que, desde que se não completa a insensibilidade, a modificação é a consequencia.

O caracter mais accessivel ás platéas, no *Homem de Ouro*, é inquestionavelmente o de Estevão de Moura (filho). Inspira logo interesse pela originalidade da sua situação. Póde-se affoutamente chamar a este homem, em linguagem vulgar, a *raça apurada* do cavalheiro de industria. Juntando ao cynismo a audacia, a astucia á dextreza, a industria á habilidade, tinha todas as qualidades para poder ir longe no mundo que a experiencia paterna lhe fizera conhecer, e com quem os seus instinctos o faziam sympathisar. Inteiramente ao facto de todo o passado de Simplicio Lobo, sciente dos actos infames da sua primeira vida e da sua carreira de usura, sabe lançar-lh'a a proposito em rosto, deixando-lhe assim presentir as algemas que lhe destina em momento critico. Jogador habilidoso, ganha vinte mil libras ao barão, e obriga-o, com a logica das suas proprias palavras d'outro tempo, a passar-lhe uma letra á outo dias. Não obstante a perversidade d'este caracter, a impressão que infunde não é logo repugnante. Justifica-se até certo ponto quando diz ao barão: «Perdeu meu pae pelo dinheiro, eu vingo-me pelo di-

nheiro.» Depois não pára ali aquella sede de vingança, e chega a propôr um mercado de infamia á filha de Simplicio. Para a lição moral cumpria que similhante caracter se não tornasse sympathico, nem revoltante. Ahi estava a difficuldade. Representava para o antigo homem de marmore a personificação do remorso em todos os actos. A sua proposta é atroz; mas é ainda a coherencia da vingança. O exito provou que o escolho foi vencido. É aquelle o homem capaz de tudo. Ri igualmente das paixões dos homens, da virtude das mulheres, e da honra das familias. É um typo perfeitamente sustentado n'um estylo ligeiro e espirituoso, elegante e incisivo. É outro coração de pedra, mas de pedra polida pelas maneiras estudadas do homem do mundo, pela distincção da pessoa, e pela escolha da palavra. É o vicio e a depravação passeando pelas salas de casaca preta e luvas brancas.

Maria, a supposta afilhada de Simplicio, é uma creação mimosa do auctor. Extremosa e dedicada, intelligente e instruida, apreciando a ventura pela desgraça que já conheceu, fortaleceu o coração e o espirito n'um passado de provações, que sabe avaliar. Assustada já na infancia, encarava o seu futuro com terror. A instrucção que mais tarde recebeu, completou a acção dos bons instinctos. O poeta cansado de pintar o mundo e as scenas amargas a que tal intento o obrigava, entregou-se á sua inspiração, traçando este typo angelico e nobre. É escripto do coração e com o coração. Duvidou sempre; ali creu. Citaremos este trecho que de certo está na memoria de todos que viram o drama, e póde julgar-se por elle da consciencia e sentimento profundo com que foi escripto.

«O que?... a rapida transformação da minha vida! Pensa que o tenho esquecido? Não. Cada dia o aviva mais na minha memoria, e o grava melhor em minha alma. Até aos dez annos, fechada entre as quatro paredes nuas de um asylo, vivendo da caridade publica, tinha em perspectiva a sorte misera de tantas, que passam do encerro para a servidão; da servidão para a miseria; da miseria para a deshonra, Sorte deploravel, que tem o abandono por berço, o hospital por allivio, e a valla do pobre por ultimo encosto... Sorte funesta em que não ha nem um coração para abrigo, nem uma lagrima por consolação! Sina desesperada, que mostra a infancia sem mãe, o lar sem familia, a sepultura sem orações.»

No ultimo acto como é verdadeira, dolorosa, desesperada e pungente aquella pergunta ao barão: «Não é verdade, meu pae? quem perdida nasceu, perdida ha de morrer?» É a ultima esperança de quem já não póde ter outras. É a despedida tremenda de uma vida predestinada, procurando a justificação no terror de uma sina funesta. Desde o 1.º acto que esta situação vem moralmente preparada. Sacrifica-se e morre, accusando sómente o destino. É a resignação visivel no agradecimento. De joelhos na terra em que abriu os olhos á desgraça se fita o céu não é para queixar-se, é para implorar força para o soffrimento. É a imagem da dôr aos pés do symbolo da expiação.

Antonio de Lima é um homem de coração. Serve para contraste, como seu irmão no drama anterior. É da mesma familia, por sangue e alma. É digno do anjo terrestre pelo sentimento e pela honra. É a antithese de Estevão de Moura. Presente o mal, nunca mais perde de vista o seu motor, para lhe adivinhar os designios, e obstar-lh'os. É a lucta eterna do bom e do mau principio. Mancebo e brioso, quer castigar como cavalheiro. Forçado pelo cynismo do adversario appella para as leis.

Os mais personagens são apenas esbocetos destinados a completar o quadro. Diogo Travassos, o ex-ministro, e D. Filismina, sua mulher, são, como diz o doutor ao amigo, «a comedia que vem visitar o drama.» O ex-ministro degenerou em mau poeta lyrico! O homem que queria mudar a face do mundo, foi mudado pelo mundo. Não seria a primeira ambição que terminasse pelo idiotismo. O ministro desenganado da sua insufficiencia casou por interesse com uma mulher ridicula. É a sua ultima illusão perdida. Descáe-lhe então a razão, e abysma-se nas exagerações contrarias. Este não expia a sua vida nas catastrophes, mas na parodia. É a outra fórma de castigo. É a caricatura das paixões exorbitantes ao lado da sua analyse severa. Deve-se ao menos confessar que ha ahi uma intenção impregnada do mesmo espirito de philosophia que respira a obra.

Não obstante o sr. Mendes Leal, limitado a um quadro restricto, a dimensões previamente fixadas pelas necessidades da scena, não ter podido dar á sua idéa todo o desenvolvimento que ella comportava, não duvidâmos affirmar que a meditação e a reflexão hão-de fazer incluir a sua obra na classe das melhores. Talvez o publico não entrasse ainda bem no pensamento d'ella; mas, no livro e no gabinete, com a madureza de ponderação, hão-de aprecial-a devidamente.

Em differentes seculos e situações, tres homens de um talento superior e universalmente conhecido têem feito um incalculavel serviço á França, deixando estampada em monumentos immortaes de verdade as feições de cada epocha: estes homens são Moliére, Beaumarchais, Ponsard. A França deve ainda mais ás suas letras do que ás suas armas. Estas tiveram Pavia e Waterloo. Aquellas, florescendo sempre, tornaram universal a sua gloria e a sua lingua, e deram-lhe a suzerania do espirito no mundo. É pelas obras da intelligencia, em seculos que não podem ser de conquista, que um povo, alargando a esphera da sua illustração, multiplica os seus meios de influencia. É por isso que as nações devem sempre agradecer aos verdadeiros genios o raio de que as allumiam, seja qual fôr a sua especialidade. O gremio do paiz é o que lucra n'essa scintillação individual que se torna em brilho commum. Nós temos o peccado de sermos demasiadamente indifferentes.

Moliére, Beaumarchais e Pensard são os representantes completos de tres sociedades cunhadas de differente modo por sellos distinctos. A expressão é differente em cada um. A verdade humana é a mesma em todos; e esta é a que constitue as obras duradouras, porque as faz proveitosas á posteridade e ás gerações. São outras tantas pedras para o edificio do progresso social. O espirito de cada éra incarna-se na inspiração dos seus pensadores, tornando a musa imagem palpavel, como na mythologia grega. As obras de arte tornam-se então a voz dos seus seculos, dando lições a outros seculos. Senão, veja-se dos homens qne citamos, Beaumarchais, o espirito menos perfeito dos tres, é justamente o precursor das grandes agitações. Parece que ha já no seu talento a vertigem da revolução. Não é isto uma prova da affinidade poderosa que torna as intelligencias superiores, como um resumo, um epilogo dos grandes factos humanos?

O gosto do publico vae-se pronunciando cada vez mais pelo drama da actualidade. Explica-se o motivo. O espectador sente e commove-se dobrado, achan-

do no theatro a reproducção fiel do que vê todos os dias. Ridiculos ou paixões, conhece-os, póde aferir o seu valor por si mesmo, sem recorrer á auctoridade da historia, ou ás informações duvidosas e juizos banaes dos pedagogos.

O sr. Mendes Leal, encetando este genero, provou que partido se póde tirar d'elle. Esperâmos que não desanime. Fará um verdadeiro serviço ás letras e ao seu paiz. O futuro é o que mais ha-de avalial-o.

Tem todos as qualidades necessarias para o poder fazer. Sabe onde a satyra acaba, e onde a offensa começa, sabe que se é um direito ferir o vicio, é um dever respeitar a sociedade. Sabe fazer rir e chorar; ora moteja com o riso leve e de bom gosto, ora fulmina a censura que abala. Umas vezes castiga pelo ridiculo, outras commove pela paixão. Entrelaça, como no mundo se vê, a comedia e o drama, e de ambos tira elementos d'ensino e exemplo.

Tanto pelo numero, como pela popularidade das suas obras, e pela consciencia e excellencia da sua litteratura, o sr. Mendes Leal é um auctor dramatico portuguez. É em nome da patria, que reclamâmos a sua cooperação; e reclamâmo-la a quem sabe responder á sua voz. É da mocidade que este paiz espera tudo. Como acima dissemos, para termos a nossa acção, é preciso que tenhâmos a nossa gloria e a nossa illustração, é preciso trabalhar, porque somos todos operarios do futuro.

Não pára aqui o talento vasto e innovador do sr. Mendes Leal. No momento em que escrevemos estas linhas tem elle já feita parte de uma composição inteiramente nova entre nós, e que o sr. Mendes Leal tenta mostrar. É um drama em verso redondilha, como o creou Gil Vicente, e como a Hespanha o aproveitou. Os exemplos de *Calderon*, *Tirso de Molina* e *Lope de Vega*, sem fallar dos modernos, despertaram-lhe a idéa que vae realisar no drama, como já a realisou na comedia com a *Herança do Chanceller*.

O sr. Mendes Leal escolheu para assumpto da sua obra a *Guerra da Peninsula*, epocha toda de gloriosas recordações para este paiz.

Julgâmos ter completado aqui a analyse, imperfeita mas sincera, do theatro do sr. Mendes Leal. Foi a impressão que recebemos com a sua leitura, e representação; apreciamos só por ella. O escalpello da crítica era perigoso nas nossas mãos; tememos usar d'elle, porque não nos julgâmos aptos e competentes. Afastamo-nos da lisonja, e aproximamo-nos, quanto coube nas nossas forças, da verdade.

Honra seja, porém, feita ao sr. Mendes Leal. A originalidade e a gloria da sua obra, e poderemos dizer da sua escola, consiste em ter aproximado da verdade os nossos espiritos afastados pelo inverosimil e pelos paradoxos; de ter consagrado maximas immortaes n'um estylo natural, profundo e vigoroso, fazendo circular nas veias da comedia moderna um resto d'esse sangue puro que filtrou nos veias de Beaumarchais e Moliére, e ultimamente foi inoculado por Ponsard. Diremos, a respeito do sr. Mendes Leal, o que A. de Pontmartin escreveu, tratando d'este ultimo: «Não temeu ser banal, uma vez que fosse verdadeiro.»

Sem lisonja, nem adulação, e estamos convencidos que nas nossas letras ninguem o contesta, não duvidâmos marcar ao sr. Mendes Leal o primeiro logar entre os poetas dramaticos contemporaneos.

E. Biester.

HABITANTES DE GEILTHAL OU SILAUZIS.

Os silauzis são uma tribu de esclavonios que se tem estendido para o oriente da Europa, e estanceiam hoje perto do rio Sila, d'onde tomaram o nome. A palavra Sila significa na sua linguagem rio da força; chamam-lhe Geil em allemão, e d'ahi veiu o nome de Geilthal ou valle do Geil, que se dá a este districto. Este valle é mui limitado e cingido pelas montanhas da Carniola: fica-lhe a ultima região ao meio dia, a Carinthia ao norte, e a Styria a éste; a população derramou-se ao longo do Drave, sobre as fronteiras da Croacia.

Os habitantes de Geilthal são altos, esbeltos, e de uma presença agradavel; a sua côr é morena, e têem os cabellos pretos. Os que se estabeleceram cêrca das montanhas calcareas, não soffrem de papeiras; mas os que habitam mais ao norte são sujeitos a esta terrivel infermidade, bem como ao cretinismo, que consiste no enfraquecimento de todas as faculdades physicas e moraes.

Os silauzis pouco se entregam aos trabalhos de lavoura; tão desanimados estão já pelas influencias perniciosas do seu clima; por isso os homens preferem á condição de cultivador a de almocreve, e suas mulheres vão servir para as cidades dos arredores.

O traje d'estes esclavonios é muito original: os homens usam os cabellos cortados muito rentes; chapéus ponteagudos de côr verde ou preta, ou mais geralmente chapéus de copa baixa de feltro no inverno, e de palha de verão. Usam em roda do pescoço um colleirinho recortado, cozido á camiza; collete encarnado; calças verdes e jalleca parda. De inverno vestem um sobretudo de pelles de carneiro, a que chamam *kosmata*: as calças descem apenas até meio da perna: as meias são de lã branca. As mulheres trazem o cabello caído pelas costas abaixo em duas grossas tranças; as donzellas enfeitam-nas de laços de fita. As mulheres casadas trazem uma especie de touca segura debaixo da barba com uma fita preta.

A nossa gravura representa uma mulher d'esta interessante tribu, e por ella poderá melhor avaliar-se o seu pittoresco trajar.